

Fazendo diferente

O dom para profissões inusitadas

CAROLINA MEDEIROS E JULIA DÂMASO

Saber lidar com fortes emoções e ter o controle sobre elas não é para qualquer um: tem que ter muito talento. Conseguir transformar medo em coragem, ansiedade em estímulo e nervosismo em força são algumas das habilidades que fazem parte do cotidiano de certos profissionais. Eles têm o dom de usar esses sentimentos a seu favor para conseguirem desempenhar, com destreza, suas funções.

Desde artistas circenses e dublês até médicos legistas, a capacidade de manter o equilíbrio, tanto físico quanto psicológico, é primordial. Afinal, é desta maneira que esses profissionais conseguem mostrar para a sociedade que nem tudo o que é considerado incomum ou arriscado é negativo. Existem pessoas que têm o prazer em exercer funções que a maioria da população prefere só ver de longe.

Respeitável público, o espetáculo vai começar!

Com apenas 18 anos, Lucas Nunes faz parte de um dos números mais esperados do Circo Las Vegas: o globo da morte. Nesta atração, alguns motoqueiros andam com suas motocicletas por dentro de uma espécie de jaula em forma de esfera de aço.

Lucas conta que nasceu no circo e desde criança já se encantava pelo globo da morte. Foi devido a esse fascínio que, aos 10 anos, ele começou a treinar no globo com uma bicicleta. Na medida em que foi se aperfeiçoando na atividade, passou a usar uma motocicleta e hoje tem orgulho de ser chamado de globista. Para ele, o medo já é um obstáculo superado: “No início, eu sentia um frio na barriga, mas com o tempo perdi o medo até porque quem tem medo nem entra no globo. Eu gosto da adrenalina do momento.”

O jovem também diz que é muito gratificante sentir o carinho do público após o fim da apresentação e que não há nada melhor do que escutar os aplausos. O globista conta que chegou a sair do circo para cursar uma faculdade de direito, mas a saudade apertou e ele acabou voltando para aquilo que mais o fazia feliz.

Quem também teve a experiência de largar o cir-



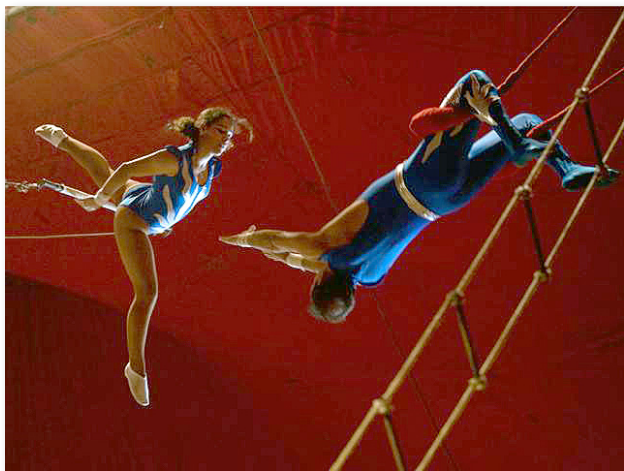
Lucas Nunes e seus companheiros do globo da morte antes de uma apresentação

co em busca de outro estilo de vida foi o trapezista argentino Javier Bertolini, de 30 anos. “Como somos ambulantes, às vezes temos vontade de experimentar uma vida mais estável. Eu saí um tempo para estudar, foi uma experiência produtiva. Mas o circo é um ímã, ele nos puxa de volta” – explica.

Além dessa capacidade de atração, para o trapezista o picadeiro é o lugar onde suas preocupações desaparecem. Ele diz que quando não está bem, basta começar o seu número que tudo passa. “É como se a gente estivesse fora de si durante a apresentação. Só depois que acaba é que parece que o nosso espírito retorna. Este é o momento em que a gente relaxa.”

Javier afirma que o medo é seu aliado na hora de se apresentar. Segundo ele, o temor é essencial porque senão a pessoa fica muito confiante e, conseqüentemente, não se prepara da maneira correta.

O dom e o prazer da arte circense estão tão presentes na vida do trapezista que fizeram com que o *hermano argentino* deixasse o seu país, há três anos, para tentar a vida no circo brasileiro. De acordo com Javier, na Argentina este ramo não era tão valoriza-



Javier Bertolini num momento de total concentração: seu número no trapézio

do quanto aqui no Brasil. Para ele, uma das maiores vantagens da mudança foi poder visitar regiões do país que nem todos os brasileiros conhecem.

O ex-domador de leões, Irineu Nunes Júnior, de 43 anos, também teve que lidar com o perigo durante 15 anos de sua vida. Ele relata que sempre gostou de bichos e que o grande segredo para exercer essa função que todas as pessoas temem é fazer com que o animal se apegue ao domador desde filhote. “É preciso criar um laço de amizade com os leões. Para mim, era como se eles fossem cães ou gatos. Eu tinha um prazer muito grande em trabalhar com esses animais” – explica.

Luz, câmera, ação!

Após o diretor dar a largada para o início de uma cena de ação não há como voltar atrás. E os dublê sabem disso melhor do que qualquer outro ator. Agnaldo Bueno, de 38 anos, trabalha na profissão há 15. Ele explica que é preciso estar muito concentrado, pois o seu objeto de trabalho é o próprio corpo. “Tenho medo de sofrer acidentes graves que me impossibilitem de fazer o que eu adoro. Por esse motivo, me equipo sempre. Existem dublê que adoram cicatrizes, mas o bom profissional não deve se machucar nunca”.

Apesar da consciência de que é preciso se preparar bem, o dublê relata que já sofreu acidentes durante uma gravação. Agnaldo executou mal uma queda de cavalo enquanto ensaiava uma cena para a minissérie da Rede Globo, *A casa das sete mulheres*, em 2006. O tombo resultou na fratura de um pulso, o que fez com que o profissional começasse a tomar mais cuidado em suas encenações.



Agnaldo Bueno no que mais gosta de fazer: atuando como dublê no filme *Os mercenários*

O dublê, que também já trabalhou como despachante policial e foi proprietário de uma boate em Minas Gerais, diz que não pensou duas vezes quando teve a oportunidade de seguir a carreira: “Há exatos 15 anos eu estava em casa lendo um jornal, quando me deparei com uma reportagem sobre um curso de dublê no Brasil. Na época, eu pensava muito nisso, mas não sabia que aqui isso era possível. Anotei o telefone e já no dia seguinte estava matriculado no curso.”

Hoje, Agnaldo afirma que se sente realizado na profissão e que só quem tem talento para ser dublê sabe o prazer que essa ocupação proporciona,

“Com o tempo, nos acostumamos com o trabalho e o fazemos com mais tranquilidade”

Paulo César Rodrigues - médico legista

Yvan Tomaz e outros atores em cena do filme *Natal no Rio*

mesmo com todos os perigos que ela representa.

Ele se orgulha de ter, em seu currículo, muitas participações e destaca as três mais recentes: no filme *Os mercenários* (*The Expendables*), dirigido por Sylvester Stallone; em *A hora e a vez de Augusto Matraga*, uma adaptação do livro de Guimarães Rosa, dirigido por Vinícius Coimbra e em *Pólvora negra*, do diretor André Kapel.

Yvan Tomaz, de 25 anos, também substitui outros atores em cenas de risco e garante que tem prazer em desafiar o perigo. O dublê diz que sempre foi fã de filmes de ação e que no ano de 2005 teve a oportunidade de conhecer melhor a ocupação: “Um amigo me apresentou a um coordenador de ação, dono de uma equipe de dublês, e eu comecei logo a treinar. A partir daí não parei mais. A cada dia que passa me apaixono mais por essa profissão.”

De acordo com Yvan, para se executar uma cena com perfeição, segurança e sem sair machucado, é preciso focar na marcação da cena que foi feita.

“A adrenalina não deixa você sentir medo na hora da cena. Naquele momento, você se isola do mundo, o medo é a única coisa que não passa na sua cabeça. É só se benzer, pedir a Deus que dê tudo certo e bola pra frente!”

E parece que as táticas de Yvan estão dando certo. Ele já participou de várias produções como a série *Força tarefa*, da Rede Globo; a novela *Chamas da vida*, da Rede Record e um longa-metragem italiano filmado no Rio de Janeiro. *Natal no Rio*, do diretor Neri Parenti, ocupou a segunda colocação no *ranking* dos filmes mais vistos na Itália em dezembro de 2008.

Alguém tem que fazer o trabalho pesado

Ao entrar numa universidade para cursar medicina, o estudante tem uma variedade de opções para esco-



Paulo César Rodrigues garante: médicos também se emocionam

lher como especialização. Mas o que leva uma pessoa a escolher trabalhar com mortos ao invés de vivos?

O médico legista Paulo César Rodrigues, 61 anos, tem uma explicação para a escolha. Ele diz que quando começou a trabalhar, entrou nessa área mais por causa da remuneração. Porém, com o passar do tempo, se apaixonou pela profissão e a questão financeira acabou ficando em segundo plano.

O médico, que também é obstetra e está se aposentando pelo Instituto Médico Legal (IML), conta que admira muito esse ramo da medicina e diz que, apesar de ser uma função “pesada”, alguém tem que fazê-la. E é disso que ele se orgulha.

“Se ninguém fizer, como vamos ficar? Com o tempo, nos acostumamos com o trabalho e o fazemos com mais tranquilidade. É gratificante quando vemos uma perícia bem feita. É justo com a vítima e com a família” – comenta. No entanto, Paulo garante que o trabalho não é feito de forma fria. Ele conta que no processo de necropsia os legistas lidam com corpos, muitas vezes não identificados, mas que isso não invalida emoções. “Médicos choram sim! Quando é parente ou amigo é ainda mais complicado, isso mexe muito com o nosso emocional. Eu também nunca gostei de fazer necropsia em criança. Tem casos que impressionam a gente”.

Porém, esses choques não foram o suficiente para fazer com que o médico largasse o amor pela medicina legal. Agora, mesmo em processo de aposentadoria, ele conta que vai ministrar cursos para as pessoas que foram aprovadas no concurso para entrar no IML. “Adoro ter contato com novos peritos e poder passar o que aprendi adiante. Afinal, lidar com a morte tão de perto é bem difícil” – encerra. ✖